

Associação Académica de Coimbra: reviravolta na madrugada

JS DERROTA JSD POR TRÊS VOTOS

• Segunda volta quarta e quinta-feiras

Por MÁRIO MARTINS (colaborador)

Ao contrário do que indicavam os primeiros números, foi a lista C, apoiada pela Juventude Socialista, a vencedora da primeira volta das eleições para os corpos gerentes da Associação Académica de Coimbra (AAC), ao conseguir 1492 votos contra 1939 da lista D, apoiada pela Juventude Social-Democrática.

Estes resultados implicam a realização de uma segunda volta, nas próximas quarta e quinta-feiras, já que nenhuma das listas conseguiu a maioria dos votos expressos neste primeiro escrutínio. Por outro lado, a vitória socialista significa uma reviravolta completa nos «números» que eram conhecidos na madrugada de ontem e de que o JN foi o único matutino a dar notícia.

Com efeito, na altura do encerramento da primeira contagem, a lista social-democrata tinha uma vantagem de 35 votos sobre os socialistas, embora faltassem apurar 221 votos condicionais. Ontem, durante parte da madrugada e toda a manhã, a Comissão Eleitoral esclareceu estes casos pendentes e a contagem final (ver caixilho) deu a vitória ao elenco apoiado pela JS.

Retira-se que os votos condicionais dizem respeito a estudantes que, embora não constando dos cadernos eleitorais, compareceram à boca das urnas afirmando terem capacidade eleitoral. Os votos são apurados, em envelopes fechados, e posteriormente a Comissão Eleitoral analisa a situação escolar dos votantes junto da Secretaria Geral da Universidade.

O elevado número de «condicionais» que este ano surgiu tem a ver com o facto de muitos alunos que frequentam os cursos pedagógicos de profissionalização para o ensino, já depois de terem concluído as respectivas licenciaturas, não comparecerem dos cadernos eleitorais. Este facto, aliás, obrigou a que o primeiro escrutínio só tivesse começado cerca das 23,30 horas de quinta-feira, quase duas horas após o encerramento das urnas, e que os resultados provisórios só fossem conhecidos muito perto das 0,30 horas de ontem.

O nível das abstenções foi o segundo maior dos últimos seis anos. Quase dois terços dos estudantes universitários de Coimbra não compareceram, facto que foi salientado como «muito negativo» por representantes das diversas listas.

A vida associativa resumiu-se, quase exclusivamente, às actividades das secções e organismos autónomos, que no seu conjunto movimentam directamente cerca de três milhares de estudantes. Quanto aos restantes, a grande maioria só «aparece» na altura das festas estudantis, nomeadamente da «Queima das Fitas», mas mesmo aí integram-se muita gente que não frequenta a Universidade.

Com curiosidade, registou-se que, no ano passado, em que só foi necessária a primeira volta, votaram 5490 estudantes. Agora, apesar dos cadernos eleitorais incluírem o maior número de sempre de nomes, só exerceram o seu direito de voto cerca de 4500. Ou seja: do ano passado para o actual, embora houvesse maior número de eleitores em 1988, entraram nas urnas menos mil

votos. Significativo...

Significativos foram, também, os resultados alcançados pela lista E, composta por elementos ligados às secções da AAC. Quase sem fazerem campanha eleitoral («Não saímos do edifício da associação e da zona das cantinas» — dizia um dos elementos da «E», na madrugada de ontem), conseguiram suplantar em mais de uma centena de votos o elenco apoiado pela Juventude Centrista. Um resultado que foi acolhido com muita alegria pelos membros da «E».

Para alguns observadores, esta votação poderá significar o «princípio de fim» da predominância de listas cíclicas às Juventudes dos diversos partidos políticos. A vida associativa deve ser independente das vontades dos grupos partidários — ou, pelo menos, diversificar-se, na noite do escrutínio.

Aliás, os próprios componentes da lista E interpretaram a sua candidatura como um «balão de ensaio» para os próximos anos. Já alta madrugada, dizia João Cunha, da «E», aos microfones da Rádio Universidade: «Cada voto na nossa lista custa 6000\$. Se gastarmos 18 centos o quinhentos e oitenta, o que prova que qualquer grupo de estudantes poderá organizar-se e concorrer às próximas eleições, sem ter de submeter-se aos apoios partidários».

Ainda «a quente», logo depois do fecho das urnas, sucederam-se os comentários ao desfecho que então era conhecido — vitória do elenco social-democrata, com uma vantagem de cerca de 40 votos sobre a lista apoiada pela JS.

Paulo Alves, candidato da «C», citava Confúcio, distribuía abraços e mostrava uma grande confiança nos resultados da segunda volta. Várias vezes salientou a «transferência de votos», que, tudo o indica, irá acontecer da lista E para a lista C, ao mesmo tempo que realçava o facto de muitos dos seus apoiantes não terem comparecido neste primeiro escrutínio porque sabiam, de antemão, que iria ser necessária a «segunda». E concluiu: «Até a cadeia que vive na minha casa não veio votar. Mas, para a semana, já estará... vota em nós».

Ana Paula Barros, a candidata a presidente da lista social-democrata, manifestava esperança na vitória definitiva, na próxima semana, salientando as virtualidades do projecto que encabeça e referindo que a sua candidatura deparou com muitas dificuldades. Questionada sobre o apoio que a JSD terá dado à lista, a estudante de Direito fez questão de referir que «procuramos que não fossem os membros da Governança que

RESULTADOS FINAIS DA PRIMEIRA VOLTA

Os resultados finais da primeira volta, conhecidos a meio da tarde de ontem, foram os seguintes: Lista A — 195 (4,3%); Lista C — 1942 (42,74%); Lista D — 1939 (42,66%); e Lista E — 318 (7%).

Estiveram inscritos 13 051 estudantes, tendo votado 4543 (34,8%), havendo a registar 118 votos brancos (2,6%) e 30 votos nulos (0,6%). A abstenção, portanto, foi de 66,2%.

Em termos de «vitrines parcelares», a lista C venceu nas licenciaturas de Direito, Letras, Medicina e Psicologia, enquanto a lista D triunfou nas de Ciências e Tecnologia, Economia e Farmácia. A lista A conseguiu a sua maior percentagem em Direito, enquanto a «E» teve maior expressão relativa na Faculdade de Ciências e Tecnologia, onde conseguiu mais de metade do seu total de votos. Com curiosidade, em «Psicologia» apenas se registou um único voto para a «E».

Não temas muito dinheiro para gastar. Uma forma inteligente de lidar a questão do fundo...

Para a lista A, apoiada pela Juventude Centrista, a desilusão era (muito) grande, apesar dos seus elementos se dizerem satisfeitos com o resultado conseguido. «Ná dois meses que não corriamos isolados e, por isso, este resultado é bom».

Para o ano, com toda a certeza, iremos conseguir uma votação muito maior. Se é pena que a abstenção tenha sido tão elevada, o que nos penaliza, grandemente em termos de votos...

A campanha deste ano terá sido menos agressiva dos últimos anos. A mentalidade dos estudantes, hoje em dia, é muito diferente da do passado, e a principal preocupação é a de conseguir o «candado», o mais cedo possível, para tentar uma colocação no mercado de trabalho.

O próprio presidente em exercício da Direcção-Geral da AAC, Benjamin Louçada, sobre — em termos de aproveitamento escolar — as consequências de ter presidido aos destinos da maior associação de estudantes do país durante um ano. Nem uma só «cadeira» ele conseguiu conquistar, o que não é difícil de perceber se atendermos ao facto de cargo ser, em termos de cidade e de «país estudantil», de muita responsabilidade e obrigar a presença quase diária em estes prolectores.

A campanha, já é disse-

os jovens comunistas, na sequência de pesados desaires, terem deixado de com-

parecer à boca das urnas.

Resta esperar pela próxima semana, pela segunda volta das eleições, para se saber se a JSD interrompe o domínio dos jovens socialistas ou se, pelo contrário, a JS consegue o seu sexto mandato consecutivo. Esta última hipótese parece-nos a mais provável, atendendo a todo o envolvimento da academia coimbrã. Na verdade, os estudantes de Coimbra têm primado por estar quase sempre em «oposição» ao poder constituído. E por isso...

mos, foi muito «morna». Desta feita, não houve espectáculos musicais, não existiram «screens» gigantes de vídeo e a Praça da República, salvo um ou outro cartaz, quase permaneceu igual ao resto do ano.

Apesar de tudo, na madrugada de ontem trocaram-se alguns «galhardetes» entre elementos das listas apuradas para a segunda volta. A «D» dizia que a «C» tinha andado a oferecer aos estudantes pratos de cerâmica comprados numa fábrica das Caldas da Rainha, o que significava abundância de meios e uma grande falta de criatividade.

Ao invés, a «D» era acusada de também ter gastado muito dinheiro na distribuição de «penicos académicos», mas os social-democratas contra-argumentavam que tinham sido todos pintados à mão, um a um, em sinal de respeito pelos estudantes. Questões de loijas...

Finalmente, uma referência para o facto de, nesta campanha, terem estado quase ausentes as «campanhas políticas» dos diversos intervenientes. Com efeito, palavras como criatividade, projecto associativo e projecto académico foram as que mais se ouviram, em oposição aos «carimbos políticos» que eram mais ou menos vulgares nos anos anteriores. A despolitização destas eleições, aliás, parece-nos ser um dos dados mais importantes a registar, o que vem acontecendo cada vez com maior significado, sobretudo depois de

Organização Estudantil - Sindicato

| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|-----|---|---|---|---|---|---|---|---|---|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|
| JAN | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | 31 |
|-----|---|---|---|---|---|---|---|---|---|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|